



SEGURANÇA

Adolescente de 17 anos desapareceu em 26 de fevereiro e foi achada morta em 5 de março em Cajamar na Grande São Paulo, com corte e cabeça raspada; Polícia investiga o crime de stalker, quando uma pessoa observa a vida de outra

Caso Vitória: polícia fala em perseguição

» ALÍCIA BERNARDES*

A morte de Vitória Regina de Sousa, um crime brutal ocorrido na última semana de fevereiro, começa a ganhar novos contornos. Laudo do Instituto Médico Legal (IML) afastou indícios de violência sexual contra a vítima. De acordo com a perícia, a adolescente de 17 anos foi morta com três facadas. O documento foi encaminhado à Polícia Civil, responsável pela investigação do desaparecimento e homicídio da jovem de 17 anos em Cajamar, na Grande São Paulo.

Um trecho do laudo da Superintendência da Polícia Técnico-Científica (SPTC), que examinou o corpo da vítima, destaca: "Exame da região genital/perineal sem lesões traumáticas de interesse médico-legal". Ao **Correio**, a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo informou que o caso segue em investigação por meio de inquérito policial conduzido pela Delegacia de Cajamar. O suspeito foi interrogado na noite de segunda-feira (17) e confessou o crime. A autoridade policial aguarda o resultado de alguns laudos e finaliza as diligências para concluir o inquérito.

Vitória Sousa desapareceu em 26 de fevereiro, após sair do trabalho e pegar um ônibus para casa, em Cajamar. Seu corpo foi encontrado em 5 de março, nu e com a cabeça raspada, em uma área de mata. A arma do crime não foi localizada.

Maicol Sales dos Santos, apontado como único suspeito, foi preso em 8 de março. Segundo a Polícia Civil, ele sequestrou e matou Vitória por vingança, após ser rejeitado. Morador do mesmo bairro da vítima, Maicol agia como um stalker. A perícia no celular dele mostrou que ele visualizou uma foto postada por Vitória no ponto de ônibus minutos antes de seu desaparecimento, o que pode indicar que ele a interceptou no trajeto.

Stalker

Ele morava no bairro de Pionduva, assim como Vitória, que vivia ali com sua família. De acordo com os policiais, Maicol apresentava comportamentos típicos de um stalker, alguém que persegue e observa a vítima de maneira obsessiva. A análise do celular de Maicol revelou que ele visualizou uma foto publicada por Vitória no ponto de ônibus no início da madrugada de 27

Reprodução/Redes sociais



Vitória Sousa foi encontrada morta em Cajamar. O vizinho, Maicol, confessou ter cometido o crime

de fevereiro — aproximadamente 20 minutos antes de ela descer no bairro onde residia. Para os investigadores, isso pode indicar que ele a abordou durante

o trajeto para casa.

"A motivação é um segundo momento. O primeiro momento é colheita das provas, passando por isso, colocando as pessoas

na cena do crime, mostrando que realmente são essas pessoas... aí, nós vamos em busca da motivação: o que ocasionou essa morte tão violenta?", afirmou o

delegado Luiz Carlos do Carmo, diretor da Polícia Civil da Grande São Paulo, em entrevista ao Fantástico no dia 9 de março.

Uma testemunha relatou ter visto o carro de Maicol próximo ao ponto final do ônibus onde Vitória desembarcou antes de desaparecer. O veículo foi apreendido, e um fio de cabelo encontrado em seu interior passará por exame de DNA para verificar se pertence à vítima, mas o resultado ainda não foi divulgado.

Outra testemunha afirmou ter notado movimentação em frente à casa de Maicol na madrugada de 27 de fevereiro, período em que Vitória seguia a pé para casa. Ele morava a cerca de 2 km da adolescente e, até o momento, é o único apontado como suspeito do crime, embora a polícia ainda investigue a possível participação de outras pessoas.

O corpo de Vitória foi localizado por um cão farejador da Guarda Civil Municipal (GCM) em uma área rural de Cajamar, a cerca de 5 km tanto da residência de Maicol quanto da casa onde ela vivia com a família. O local é cercado por árvores e cortado por estradas de terra, o que dificulta a movimentação na região.

*Estagiária sob a supervisão de Carlo Alexandre de Souza

FORTES VENTOS

Reprodução da Internet



Avião presidencial arremete em Sorocaba (SP): procedimento seguro

Com o presidente a bordo, AeroLula arremete em SP

» VICTOR CORREIA

O avião que levou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para Sorocaba, interior de São Paulo, precisou arremeter ontem durante a primeira tentativa de pouso, nesta tarde, devido a fortes ventos no local. O procedimento é considerado normal e seguro na aviação. Além do chefe do Executivo, estavam a bordo os ministros Fernando Haddad (Fazenda) e Luiz Marinho (Trabalho).

A arremetida ocorreu momentos antes de a aeronave VC-1, conhecida como "Aerolula", tocar na pista, às 15h20 de hoje.

O avião deu a volta e aterrisou normalmente no Aeroporto Bertram Luiz Leupolz.

Pilotos podem decidir arremeter a qualquer momento da aproximação final, se avaliarem que há alguma anormalidade com o pouso, como mudanças repentinas nas condições meteorológicas ou a presença de objetos na pista.

O petista foi até Sorocaba visitar a fábrica da Toyota na cidade, que foi a primeira instalada pela empresa fora do Japão, há 67 anos. O complexo está em expansão, com investimento de R\$ 11,5 bilhões, incluindo a construção da nova fábrica para produção

de modelos híbridos-flex. A nova fábrica deve começar a operar em 2026, com capacidade de produzir 100 mil carros por ano.

Susto no México

Em outubro do ano passado, o presidente Lula e outros integrantes do governo passaram por momentos de tensão a bordo de uma aeronave presidencial. Após decolar do Aeroporto da Cidade do México rumo a Brasília, o avião apresentou uma falha técnica.

Em conformidade com os protocolos de segurança, os pilotos

tiveram que voar durante cinco horas em volta do aeroporto na capital mexicana, a fim de esvaziar o tanque de combustível e evitar riscos maiores na aterrissagem.

Dias após o episódio, o presidente Lula comentou sobre a aquisição de novos aviões para o governo federal. "Um avião para o presidente da República não é um avião para o Lula, ou para o Fernando Henrique Cardoso, ou para o (Jair) Bolsonaro, ou para quem for o presidente. Não. O avião para o presidente da República é para a instituição da Presidência da República, quem quer que seja eleito presidente."



ALEXANDRE GARCIA

DESOBEDECER À CONSTITUIÇÃO QUE SE JUROU CUMPRIR É CRIME MAIS GRAVE QUE UM QUEBRA-QUEBRA. COM OS DESDOBRAMENTOS DO INQUÉRITO DE EXCEÇÃO NA POLÍTICA E NO COTIDIANO, O PAÍS PASSOU A SOFRER A DERROGAÇÃO DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS E DA INVIOABILIDADE DOS REPRESENTANTES DO POVO POR SUAS PALAVRAS E OPINIÕES

Do Oiapoque ao Chuí

Democracia é a voz do povo. Só quem não é democrata discorda dessa verdade. O corolário dessa verdade é que se não houver a voz do povo, livre, não há democracia. A censura que restringe a liberdade de expressão e opinião é vedada na Constituição do Brasil. Como se expressa a voz do povo? Pela fala em lugares públicos. E, graças aos avanços digitais, pelas redes sociais, que ampliam, turbinam, potencializam a voz de cada pessoa, que ganha alcance universal. Há uma diferença, não há como não reconhecer, entre a voz nas redes e a voz na mídia tradicional. A mídia tradicional

escolhe o que o povo pode receber como informação, ou o que é preciso informar ao povo. Nas redes, o povo é quem escolhe o que receber e o que descartar; é o exercício do discernimento de cada um, que também pode participar com sua voz. Volta e meia ministros do Supremo pregam "regulamentação das redes sociais", além do que já está na lei, o Marco Civil da Internet, em vigor há 11 anos. Censura em nome da democracia.

Comemorou-se "40 anos de democracia". No primeiro dia desse período, já passaram por cima da Constituição, quando um general que se disse dono

do episódio foi decisivo para que não assumisse o presidente da Câmara, tal como está nos art. 78 e 79 da Constituição de 1967, então vigente. O general Leônidas Pires Gonçalves, indicado para ministro do Exército, afirmou que não daria posse a quem comparara Geisel a Idi Amin Dada, o ditador de Uganda. Referia-se ao presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, que deveria assumir na vacância do presidente e convocar eleições em 30 dias. O eleito, Tancredo Neves, estava hospitalizado e Sarney era vice e substituto de alguém que ainda não era presidente. Sarney assumiu e assim começou.

No seu Plano Cruzado, eram presos arbitrariamente gerentes de supermercado e de farmácia, e a polícia entrava nos pastos para prender boi gordo. E se fez uma nova Constituição, a cidadã. No dia da promulgação, Sarney me disse, em entrevista: "Com essa Constituição, o Brasil fica ingovernável".

Veio Collor e congelou poupanças e depósitos acima de 50 mil cruzados novos (cerca de 7.200 reais). Um atentado à democracia, aprovado depois no Congresso. Em dois anos, recebeu impeachment no Senado, mesmo tendo renunciado horas antes; ainda assim, ficou inelelgível por oito anos, como manda a Constituição. No impeachment de Dilma, o que está no art. 52 não valeu, e ela não ficou

inelelgível, mas foi reprovada pelos mineiros em sua candidatura ao Senado. Ficou em quarto lugar. Sabotaram a Constituição no Senado, em julgamento conduzido pelo guardião dela, o Presidente do Supremo, e o povo precisou corrigir nas urnas. Nos governos petistas, o mensalão e a lava-jato mostraram que a democracia fica disforme quando o dinheiro de estatais e dos impostos do povo é desviado para políticos e seus partidos. Tudo isso nesses democráticos 40 anos.

Nos últimos seis anos desses "40 de democracia", vigorou o "Inquérito do Fim do Mundo", passando por cima da iniciativa do Ministério Público, do devido processo legal, da ampla defesa, do juiz natural, da

vedação à censura e ao juízo de exceção. O queixoso investiga, denuncia, julga e manda executar. Pessoas e instituições e partidos que concordam com isso, expõem um silêncio hipócrita, pois continuam falando em democracia e condenando "atos antidemocráticos". Desobedecer à Constituição que se jurou cumprir é crime mais grave que um quebra-quebra. Com os desdobramentos do inquérito de exceção na política e no cotidiano, o país passou a sofrer a derrogação dos direitos e garantias fundamentais e da inviolabilidade dos representantes do povo por suas palavras e opiniões. Parafraseando Churchill, uma cortina cor de toga baixou sobre o Brasil, do Oiapoque ao Chuí.